

# O CRISTÃO E AS VIOLÊNCIAS SOCIAIS E ECONÔMICAS

## The Christian and the social and economic violences

*Fabício Veliq\**

**Resumo:**

A presente comunicação tem o intuito de apresentar em linhas gerais o papel do cristão frente às questões de violências sociais e econômicas. Nesse percurso, apresentamos uma breve tipologia da violência, conforme definido pela OMS. A seguir, apresentamos o aumento do número de homicídios no Brasil, bem como dados sobre a intolerância religiosa no país. Num terceiro momento, abordamos a questão da violência econômica, tomando por base o capitalismo de base neoliberal. Finalizamos com uma reflexão acerca do papel do cristão diante do mundo contemporâneo.

**Palavras-chave:** Fé cristã, Violência econômica, Violência social

**Abstract:**

This communication aim at presenting in general lines the role of christians in dealing with social and economic. We have presented a brief typology of violence, according to WHO. Next, we have presented the increasing in number of homicides in Brazil, and dados about religious intolerance in the country. In a third step, we have presented the economic violence issue, grounded on neoliberal capitalism. We finish the article with a short reflexion about the role of christians in a contemporary world.

**Keywords:** Christian Faith, Economic Violence, Social Violence

---

\* Doutor em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte; Doctor of Theology, with powers in the field of Theology, Religious Studies and Canon Law pela Katholieke Universiteit Leuven. Bacharel em Filosofia pela UFMG.

## Introdução

Pode parecer estranho para aqueles e aquelas que estão acostumados à leitura dos Evangelhos ver a palavra cristão e violência em uma frase não adversativa. Contudo, como sabemos, ainda é muito comum o uso de textos bíblicos descontextualizados para justificar diversos tipos de violência.

Ao mesmo tempo, é um fato que vivemos em um mundo permeado pela violência, o que nos leva a pensar e refletir sobre esse fenômeno a partir de uma ótica cristã contemporânea, ou seja, a partir de um cristianismo que já passou pela crítica, se quisermos utilizar a expressão de Paul Ricoeur.

Consequentemente, tal olhar não pode cair na tentação de ser ingênuo, mas, reconhecendo e assumindo a crítica feita pelas ciências sociais, a psicanálise, a economia, dentre outras, deve se dispor a se reconhecer como também, em certa medida, responsável pelo ambiente de violência no qual estamos inseridos. Seja por ação em alguns casos, seja por omissão em outros, o cristianismo na contemporaneidade se mostra em diversos lugares como fomentador da violência que se faz contra a sociedade, tanto em nível social quanto em nível econômico.

Nesse sentido, falar sobre o cristão e as violências sociais e econômicas não deve ser visto com espanto, como se tal cristianismo não tivesse nada a ver com isso, sendo somente alguém que está do lado de fora observando atônito aquilo que ocorre no mundo. Muito pelo contrário, se o assunto é posto é justamente porque ainda hoje é possível perceber que o uso da violência para sustentar estruturas cristãs ainda se mostra como recorrente e, infelizmente, tem levado diversas pessoas a desistirem da fé, ou numa forma mais sofisticada de violência, a psicológica, fazer com que tais pessoas se sintam aprisionadas dentro de determinadas igrejas com medo de saírem e “irem para o inferno” porque “abandonaram ao Senhor”

## Tipologia da Violência

Ao falarmos sobre violências sociais e econômicas, o Centro Estadual de Vigilância em Saúde do Rio Grande do Sul pode nos ajudar a compreender melhor como que essa temática é vista de uma maneira sistemática. De acordo com tal centro,

a Organização Mundial da Saúde (OMS) estabelece uma tipologia de três grandes grupos segundo quem comete o ato violento: violência contra si mesmo (autoprovocada ou auto infligida); violência interpessoal (doméstica e comunitária); e violência coletiva (grupos políticos, organizações terroristas, milícias)<sup>1</sup>.

Para essa comunicação, consideraremos a violência interpessoal extrafamiliar/comunitária, que:

é definida como aquela que ocorre no ambiente social em geral, entre conhecidos ou desconhecidos. É praticada por meio de agressão às pessoas, por atentado à sua integridade e vida e/ou a seus bens e constitui objeto de prevenção e repressão por parte das forças de segurança pública e sistema de justiça (polícias, Ministério Público e poder Judiciário)<sup>2</sup>.

Com relação à natureza de tais violências, a OMS também estabelece algumas distinções. Para aquilo que nos interessa nesta comunicação, está situada a violência financeira/econômica, que é:

O ato de violência que implica dano, perda, subtração, destruição ou retenção de objetos, documentos pessoais, instrumentos de trabalho, bens e valores da pessoa atendida/vítima. Consiste na exploração imprópria ou ilegal, ou no uso não consentido de seus recursos financeiros e patrimoniais. Esse tipo de violência ocorre, sobretudo, no âmbito familiar, sendo mais frequente contra as pessoas idosas, mulheres e deficientes. Esse tipo de violência é também conhecida como violência patrimonial<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> CEVS. *Tipologia da violência*. Disponível em: <https://www.cevs.rs.gov.br/tipologia-da-violencia>. Acesso em 12.04.2021.

<sup>2</sup> CEVS. *Tipologia da violência*. Disponível em: <https://www.cevs.rs.gov.br/tipologia-da-violencia>. Acesso em 12.04.2021.

<sup>3</sup> CEVS. *Tipologia da violência*. Disponível em: <https://www.cevs.rs.gov.br/tipologia-da-violencia>. Acesso em 12.04.2021.

## Violência Social

Com relação à violência social, é sabido o quão grande é tal realidade em solo brasileiro. Os índices de criminalidade se mostram bastante altos, principalmente contra as populações negras e pobres da sociedade. Reportagem recente do Portal G1 mostra que, conforme o Atlas da Violência, entre 2008 e 2018 houve um aumento de 11,5% na taxa de homicídios contra negros no país<sup>4</sup>, o que somente confirma aquilo que mencionamos a pouco.

Nessa linha, o racismo se mostra como um dos grandes problemas sociais no caso brasileiro. As diversas falas que encontramos diariamente, do tipo: “somos todos iguais, então se preocupar com a cor da pele é fazer segregação”, “todos temos algo de negro dentro de nós”, “não sou racista, tenho até um amigo que é negro”, somente revelam o quanto ainda estamos dentro de uma estrutura que vê a pessoa negra como alguém inferior, diferente, que não merece a mesma dignidade.

A perseguição que as denominações cristãs fazem às religiões de matrizes africanas no país revelam isso muito bem. BRADENBURG e DONLY, analisando as levantamento feito Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos em 2019, mostram que de 2014 a 2018 as religiões de matrizes africanas foram mais vezes alvo de intolerância religiosa, chegando a ser 5 vezes mais que o total de denúncias contra as principais denominações cristãs em 2016<sup>5</sup>.

Da mesma forma é importante mencionarmos a violência contra os homossexuais. OLIVEIRA e MOTT<sup>6</sup> mostram em seu relatório o dado

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/08/27/assassinatos-de-negros-aumentam-115percent-em-dez-anos-e-de-nao-negros-caem-129percent-no-mesmo-periodo-diz-atlas-da-violencia.ghtml>. Acesso em 12.04.2021.

<sup>5</sup> BRANDENBURG, Laude Erandi; DOLNY, Mateus Andrey. INTOLERÂNCIA CONTRA RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS: REFLEXÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DO INCENTIVO AO DIÁLOGO EM PREGAÇÕES CRISTÃS. In: *Revista Caminhos - Revista de Ciências da Religião*, Goiânia, v. 18, p. 325-343, ago. 2020. ISSN 1983-778X. Disponível em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/8011/4603>>. Acesso em: 12 abr. 2021. doi:<http://dx.doi.org/10.18224/cam.v18i2.8011>.

<sup>6</sup> OLIVEIRA, José Marcelo Domingos de; MOTT, Luiz (orgs). *Mortes violentas de LGBTQ+ no Brasil – 2019*: Relatório do Grupo Gay da Bahia. – Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2020.

alarmante de que no ano de 2019, 329 LGBTQI+ tiveram morte violenta no país. Por incrível que pareça, tal número ainda se mostra como redução se comparado aos anos de 2017 com 445 mortes e o ano de 2018 com 329, o que somente ressalta a importância que tal tema tem quando pretendemos falar a respeito de qualquer assunto dentro da esfera pública brasileira.

Claramente, há diversos outros tipos de violências sociais, tais como o crime contra o patrimônio e as mortes por intervenção policial, principalmente nas favelas, bem como a morte de diversos policiais, devido a uma suposta “guerra às drogas” que já se mostrou ineficaz.

Todas essas violências sociais contam com apoio de diversas camadas da sociedade, dentre elas também aquela que diz cristã. Esta parcela, ancorada em uma leitura fundamentalista do texto bíblico apregoa o racismo, a intolerância religiosa e a homofobia como algo desejado por Deus e, dessa forma, coopera no fomento das diversas violências sociais que presenciamos ao redor do mundo.

### **Violência econômica**

A violência econômica, por sua vez, é talvez a menos falada dentro de um contexto social, mesmo que esteja totalmente interligada a este. Toda violência econômica é, em última instância, também uma violência social. Até mesmo a definição dada pela OMS que mencionamos a pouco revela predominantemente a expropriação de patrimônio, algo voltado meramente para a questão da propriedade privada e suas consequências. Nessa linha, tudo que atenta contra a propriedade privada deve ser visto como algum tipo de violência econômica. De certo modo, correto, contudo, a nosso ver, não toca a raiz do problema.

Como mostra Ladislau Dowbor, diante de um quadro de crescente desigualdade social fruto de um capitalismo não produtivo, dominado por

intermediários financeiros, é possível perceber a concentração de renda na mão de poucos, tendo a economia organizada em favor de 1/3 da população mundial. Olhando para o Brasil, tal desigualdade faz com que este ranqueie em 10º lugar entre os países com maior desigualdade no planeta<sup>7</sup>.

Essa desigualdade, por sua vez, quando observado o patrimônio domiciliar líquido, mostra-se como muito maior. O exemplo trazido pelo autor se mostra bastante elucidativo:

A lógica é simples: quem recebe salário médio ou baixo paga comida e transporte, quem tem alta renda compra casas para alugar, ações e outras aplicações financeiras que rendem. Isto leva a um processo de acumulação de fortuna, ainda mais quando passa de pai para filho, criando castas de ricos. Um exemplo simples ajuda a entender o processo de enriquecimento cumulativo: um bilionário que aplica um bilhão de dólares para render módicos 5% ao ano está aumentando a sua riqueza em 137 mil dólares por dia. Não dá para gastar em consumo esta massa de rendimentos. Reaplicados, os 137 mil irão gerar uma fortuna anda maior. É um fluxo permanente de direitos sobre a produção dos outros, recebido sem tirar as mãos no bolso<sup>8</sup>.

Nesta linha, não é difícil perceber por que, conforme amplamente divulgado, 1% da população do planeta possui mais riqueza do que os outros 99%, revelando, assim, o fosso e a violência econômica que tal sistema pautado por uma economia de matriz neoliberal tem causado à vida das pessoas e à vida do próprio planeta.

Dessa forma, concordamos com Dowbor, quando este afirma que:

Um sistema em que o eixo de motivação se limita ao lucro, sem precisar se envolver nos impactos ambientais e sociais, fica preso na sua própria lógica. Tem tudo a ganhar com a extração máxima de recursos naturais e a externalização de custos, e nada a ganhar produzindo para quem tem pouca capacidade aquisitiva. A motivação do lucro a curto prazo age tanto contra a sustentabilidade como contra o desenvolvimento inclusivo. A deformação é sistêmica. É o próprio conceito de governança corporativa que precisa ser repensado. As regras do jogo precisam mudar. Não se

---

<sup>7</sup> Cf. DOWBOR, Ladislau. *A era do capital improdutivo: Por que oito famílias têm mais riqueza do que a metade da população do mundo?*. São Paulo: Autonomia Literária, 2017, p. 21-25.

<sup>8</sup> DOWBOR, Ladislau, 2017, p. 26.

sustenta mais a crença de que se cada um buscar as suas vantagens individuais o resultado será o melhor possível. Não há como escapar da necessidade de resgatar a governança do sistema. E a janela de tempo que temos para fazê-lo é cada vez mais estreita<sup>9</sup>.

Mesmo que o espaço que temos não seja suficiente para aprofundarmos esses apontamentos, acreditamos que já seja possível perceber qual a principal questão em voga quando se pensa em violência econômica na atualidade. Temos um problema estrutural, próprio do capitalismo, e que foi exacerbado pela perspectiva neoliberal, a partir da década de 1970-1980.

Tal economia neoliberal, com seu discurso meritocrático pode ser percebido em diversas igrejas, principalmente naquelas de matriz neopentecostal. É comum nesse tipo de igreja o discurso de que Deus abençoa quem dá mais, ou ainda que o fracasso financeiro é consequência de um afastamento de Deus. Junta-se a isso uma teologia fundamentalista no que tange à moralidade e vemos surgir hoje uma espécie de cristianismo híbrido<sup>10</sup>, no qual um fundamentalismo de matriz puritana, aliado a um discurso meritocrático e neoliberal têm sido responsáveis por uma violência psíquica, social e econômica na vida de muitas pessoas.

### **O ser cristão no mundo**

Agora que tais tipos de violência se mostram minimamente conhecidos, podemos tentar responder à pergunta: qual o papel do cristão frente a isso tudo? Claramente, as respostas simplistas de que basta orar que Deus resolve, ou ainda, que isso faz parte dos desígnios ocultos de Deus não cabem aqui. Isso não quer dizer que não se deve orar pelo mundo em que habitamos. Isso, sim, deve ser feito, contudo, o que é demandado de cristãos e cristãs é que tenham uma ação efetiva no mundo em que vivem.

---

<sup>9</sup> DOWBOR, Ladislau, 2017, p. 31.

<sup>10</sup> Cf. VELIQ, Fabrício; FRANCISCO, Felipe Magalhães. Teologia no século 21: novos contextos e fronteiras. Campinas: Saber Criativo, 2020, p. 39-43.

Essa ação, por sua vez, baseia-se no exemplo de Jesus, aquele que se colocou ao lado dos pobres, perseguidos, oprimidos por causa das violências sociais e econômicas de seu tempo. Da mesma forma, mostra-se como papel do cristão envolto num mundo violento, a proposição da paz em um mundo de guerras, uma vez que sabemos que não é com violência que se destrói a violência. VELIQ e FRANCISCO dão um bom resumo daquilo que é requerido de todo aquele e aquela que se diz cristão na atualidade, principalmente num contexto de violências sociais e econômicas como o que vislumbramos na atualidade:

São muitas as fronteiras que a contemporaneidade nos apresenta. É preciso confiança corajosa para chegar até elas e oferecer um lugar de diálogo, de cura naquilo que precisa ser curado, de anúncio de sentido e de esperança. Nessas fronteiras, a teologia cristã não deve ter a pretensão de resolver as questões e problemas; ela deve ser uma mais a unir forças para que nossa sociedade alcance caminhos abertos, efetivos, dialógicos e plurais de superação de injustiças e daquilo que nos afasta do Reino de Deus. Dentre essas fronteiras, podemos destacar urgências: a escravidão moderna, no mundo do trabalho, que instrumentaliza pessoas e as descarta; o ódio aos pobres, tão escancarado na prática e no discurso de elites tacanhas e canalhas, que conduzem à morte por desigualdade e injustiça um sem número de pessoas; a luta antirracista, que deve ser uma bandeira em punho de cristãos e cristãs, negros ou não; a superação de estruturas patriarcais e misóginas, que condenam à morte mulheres num número absurdo todos os dias em nosso país; o rompimento com um preconceito moralista, que isola todas as pessoas que não se enquadram numa sexualidade heterossexual e cisgênero, o que acaba contribuindo com discursos e práticas de violência que levam às muitas mortes; o engajamento na defesa da democracia, quando uma política que gera morte se faz imperar, e quando o flerte com os autoritarismos são sempre ameaças reais; a questão ecológica, tão urgente e necessária, para a sobrevivência do planeta, criação de Deus. Essas são apenas algumas das fronteiras urgentes para nossos tempos, nas quais a atuação cristã é necessária, caso desejemos, efetivamente, servir àquilo que Jesus Cristo anunciou e inaugurou<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> VELIQ, Fabrício; FRANCISCO, Felipe Magalhães. Teologia no século 21: novos contextos e fronteiras, 2020, p. 99-100.



**Referências:**

BRANDENBURG, Laude Erandi; DOLNY, Mateus Andrey. INTOLERÂNCIA CONTRA RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS: REFLEXÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DO INCENTIVO AO DIÁLOGO EM PREGAÇÕES CRISTÃS. In: *Revista Caminhos - Revista de Ciências da Religião*, Goiânia, v. 18, p. 325-343, ago. 2020. ISSN 1983-778X. Disponível em:

<<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/8011/4603>>. Acesso em: 12 abr. 2021. doi:<http://dx.doi.org/10.18224/cam.v18i2.8011>.

CEVS. *Tipologia da violência*. Disponível em: <https://www.cevs.rs.gov.br/tipologia-da-violencia>. Acesso em 12.04.2021.

DOWBOR, Ladislau. *A era do capital improdutivo: Por que oito famílias tem mais riqueza do que a metade da população do mundo?*. São Paulo: Autonomia Literária, 2017.

G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/08/27/assassinatos-de-negros-aumentam-115percent-em-dez-anos-e-de-nao-negros-caem-129percent-no-mesmo-periodo-diz-atlas-da-violencia.ghtml>. Acesso em 12.04.2021.

OLIVEIRA, José Marcelo Domingos de; MOTT, Luiz (orgs). *Mortes violentas de LGBTQ+ no Brasil – 2019: Relatório do Grupo Gay da Bahia*. – Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2020.

VELIQ, Fabrício; FRANCISCO, Felipe Magalhães. *Teologia no século 21: novos contextos e fronteiras*. Campinas: Saber Criativo, 2020.